



PLANETA ISLÂNDIA

Paisagens vulcânicas, piscinas termais, luzes da aurora boreal (e muito pouca gente) fazem do país nórdico um lugar de outro mundo

Texto e fotos ALMIR DE FREITAS Arte ANA CLAUDIA CRISPIM

A praia negra de Dyrhólaey, quintal dos elfos que moram na pedrona ali

Ela, a aurora boreal.
Difícil de registrar
e de descrever



No frioão, banho
quentinho na
piscina termal



ISLÂNDIA

Pelo caminho se avistam grandes fazendas com pastos verdes, muito deles

cheios de sacos brancos de feno que mais parecem marshmallows



“Como foi que você teve essa ideia de ir para a... Islândia?”, a pergunta é quase sempre inevitável, e quase sempre ela soa “por que você vai gastar essa grana toda pra ir a um lugar tão longe, tão sem nada conhecido, o que é que tem lá pra ver?” E a verdade é que você faz as malas cheias de roupas de frio sem saber direito a razão: vai ver foi algo que lhe chamou a atenção em uma reportagem sobre os efeitos da crise financeira de 2008 no país; vai ver foi um time-lapse da aurora boreal que, da tela do computador, provocou uma faísca numa aborrecida segunda-feira de manhã...

Claro que algumas coisas são sabidas. Manchinha no mapa-múndi triscando o Círculo Polar Ártico, a Islândia é um pouco maior que Portugal, só que com 30 vezes menos gente – 320 mil pessoas apenas. Em quase tudo, um lugar jovem: ilha vulcânica, emergiu do mar há “recentes” 20 milhões de anos, quando já fazia mais que o dobro disso que os atuais continentes tinham se formado; permaneceu desabitada até o século 9, quando os vikings chegaram por lá. Primeiríssimo mundo, hoje é, segundo o Fórum Econômico Mundial, o país que melhor recebe os turistas.

Está certa a percepção de alguém que vá achar que esta combinação de eventos resulta num mundo totalmente diferente. E, assim, aos pedaços, a explicação (insuficiente) se desenha, até que, num frio outubro qualquer, a pessoa desembarca no aeroporto de Keflavík.

A ideia é alugar um 4x4 e pegar a Ring Road, a estrada que contorna o país num círculo. São 1 300 quilômetros de pista única em cada sentido, mas bem pavimentada e sinalizada. Um estudo mais detido do percurso te-

ria sido recomendável antes, mas dá para gastar alguns dias perambulando por Reykjavík fazendo planos. A capital é a única metrópole à vista – se é que uma cidade com 170 mil habitantes pode ser chamada assim. Não tem arranha-céus, não tem metrô, não tem lojas de grife internacional. Outro mundo, certeza.

O “skyline” é formado por casinhas baixas, coloridas, que parecem ter se expandido morro abaixo, em torno da catedral luterana inspirada no fluxo de lava escorrendo (digna da Asgard que se vê no *Thor* do cinema). Chama-se Hallgrímskirkja, e o projeto pessoal de guardar o nome de cada coisa nessa língua quase alienígena vai-se mostrando destinado ao fracasso (sem pânico: os locais falam inglês também). À frente da igreja está a estátua de Leif Ericson, o islandês viking que pisou na América quatro séculos e meio antes de Cristóvão Colombo, coitado, achar que estava desembarcando nas Índias.

A noite em Reykjavík também promete agitos, e os bares trancam o tempo chuvoso e a escuridão do alto inverno do lado de fora. Dizem que vez em quando dá para cruzar com Björk na balada. Não sei os caras do Sigur Rós.

Resort na lua

Da cidade é um pulo até o Blue Lagoon, spa erguido em torno de uma piscina natural geotérmica, cuja água azul-leitosa, cheia da esfoliante sílica, contrasta impressionante com a paisagem ao redor: quilômetros de rocha basáltica negra coberta de musgo ralo. É como um resort na lua devia ser. E de outra órbita parece também a sensação de mergulhar numa água que sai da terra a 37 °C em meio à fumaceira do vapor que se condensa em contato com uma

temperatura externa em torno de 5 °C. Bebericando, dá para passar um dia inteiro assim, e, com a cara vermelha de tanta sílica, voltar para ao planeta terra revigorado – ainda que sensivelmente mais pobre (não é barato, mas há outras piscinas termais na Islândia mais em conta). Na volta, sorte grande: um pôr do sol matador, colocando fogo no céu do porto de Hafnarfjörður.

Ainda perto da capital, vale a esticada ao chamado Golden Circle, rota que leva à Gullfoss, a primeira de muitas cachoeiras majestosas do país, e, no vale de Haukadalur, à mãe de todos os geisêres – a palavra Geysir (“jorrar” em islandês), que é usada para designar todos os buracos ferventes mundo afora, é o nome próprio de um deles por ali. A vedete do lugar é Strokkur, que expele água quente a cada 4-5 minutos a alturas que chegam a 30 metros. Depois de uma caminhada na área, fica claro porque a humanidade botou o inferno debaixo da terra e fez o diabo cheirar a enxofre.

A mais simbólica de todas as atrações no Golden Circle é o Parque Nacional Þingvellir, vale onde acontecia a assembleia viking, considerada o primeiro parlamento da história, e local da independência islandesa, em 1944. Mas o mais assombroso no lugar é a Almannagjá – a fronteira geológica entre a Europa e a América. Ali se erguem em dois paredões, literalmente brotando do chão, as placas tectônicas dos dois continentes, separadas por alguns metros apenas – dá até para, atravessando uma pontezinha gaiata, ir de um continente a outro em alguns segundos. A cada ano, essas placas se afastam 2,5 centímetros. Significa: pouco a pouco, a Islândia está sendo rasgada ao meio. Não admira que os vulcões ali estejam frequentemente zangados.

O centro da Terra

A coisa fica realmente boa quando se pega a estrada pra valer. Na alta temporada, em julho e agosto, o país se enche principalmente de europeus, americanos e canadenses – todos a apenas umas horinhas de voo de montar a barraca sob o sol da meia-noite, nos vários campings ao longo da Ring Road. Mas em outubro, com o início do frio, os turistas já começam a rarear. Junte isso com a acanhadíssima população e o resultado, para o viajante, é uma sucessão de paisagens espetaculares, com mais ovelhas do que seres humanos avistados no caminho. E isso, dá para garantir, é uma experiên-

É como voltar a um passado pré-histórico, em que a natureza bruta, na sua desolação perfeita, quase não admite gente

cia que vale cada coroa islandesa gasta.

Partindo de Reykjavík e seguindo a rota em sentido horário, a primeira parada está a uns 200 quilômetros adiante, a oeste. O destino é o Parque Nacional Snæfellsjökull, que abriga e leva o nome do vulcão – hoje extinto – que Julio Verne escolheu para ser a entrada do mundo perdido de *Viagem ao Centro da Terra*. Para chegar lá, é preciso pegar estradas secundárias mais estreitas, pavimentadas com pedrinhas – mas nada que preocupe, são bem razoáveis. Dentro do parque, claro, não há ocupação nenhuma. E como no romance de Verne, fica claro que uma jornada Islândia adentro se assemelha a voltar a um passado pré-histórico em que a natureza bruta combina com uma desolação que, para ser perfeita, quase não admite gente.

UM PAÍS DE LIVROS

Desde as medievais sagas (narrativas sobre as aventuras de heróis durante a colonização), a Islândia tem uma impressionante relação com a literatura. Nenhum outro país publica tantos livros per capita, e calcula-se que, em algum momento, um em cada dez habitantes terá um volume editado. Mercado há: em 2012, *Noites de Reykjavík*, romance policial de Arnaldur Indriðason, vendeu 20 mil cópias entre novembro e dezembro – um para cada 16 habitantes. É como se algum livro no Brasil vendesse 12 milhões de exemplares.

UM PAÍS DE CINEMA

Empenhada em mostrar o que que a Islândia tem e fomentar as produtoras locais, a Icelandic Film Centre oferece 20% de reembolso dos custos para quem, com luz solar durante 22 horas no verão, quiser enquadrar suas paisagens. Vem dando certo: cenário da série *Game of Thrones*, o país já serviu a locações de filmes como *Prometheus*, *Tomb Raider*, *007 Outro Dia Para Morrer* e *Batman Begins*. Em 2013, mais três blockbusters de Hollywood: *Oblivion*, *Thor – O Mundo Sombrio* e *A Vida Secreta de Walter Mitty*.

ISLÂNDIA

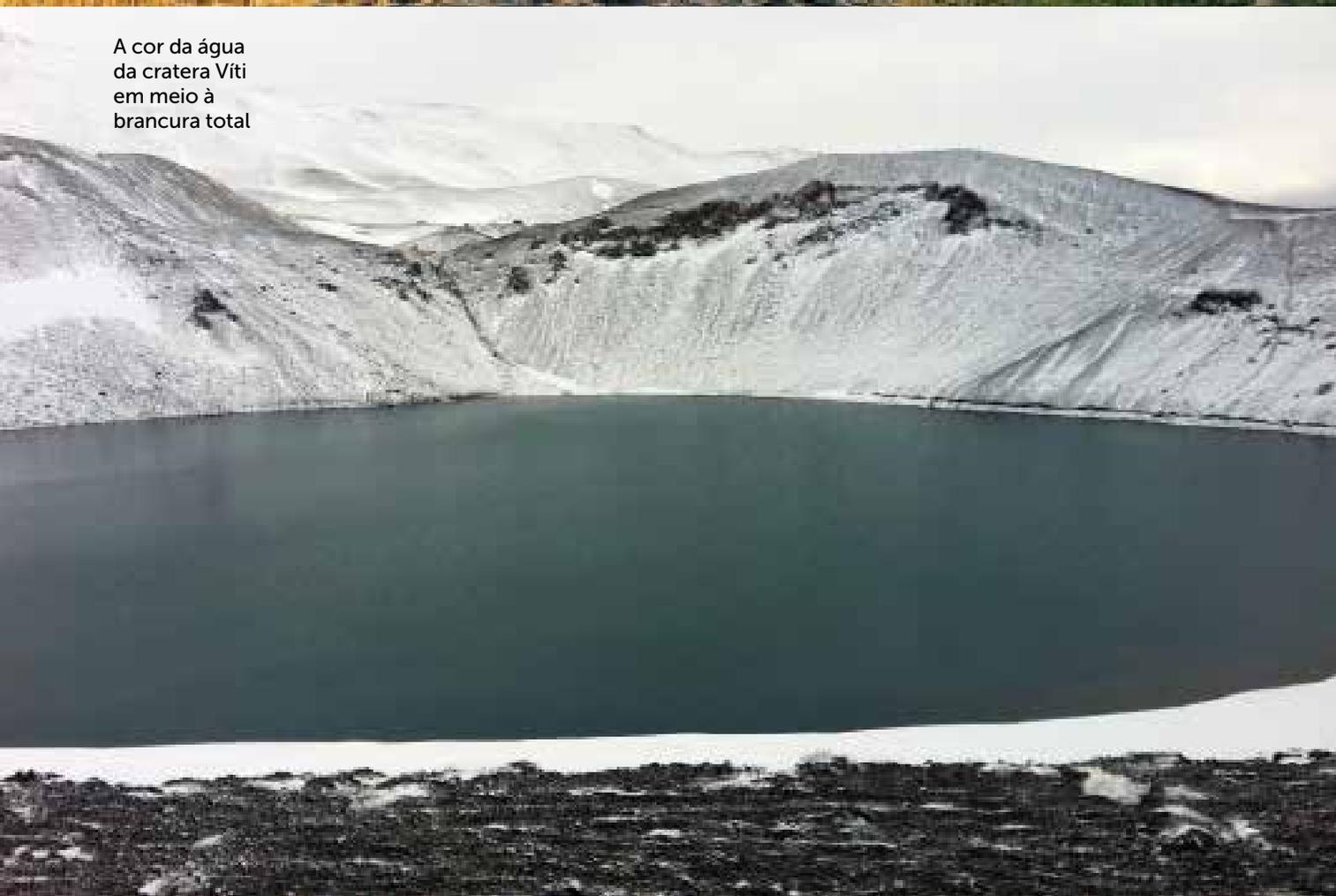
Igrejinha
luterana contra
o horizonte e
nada mais



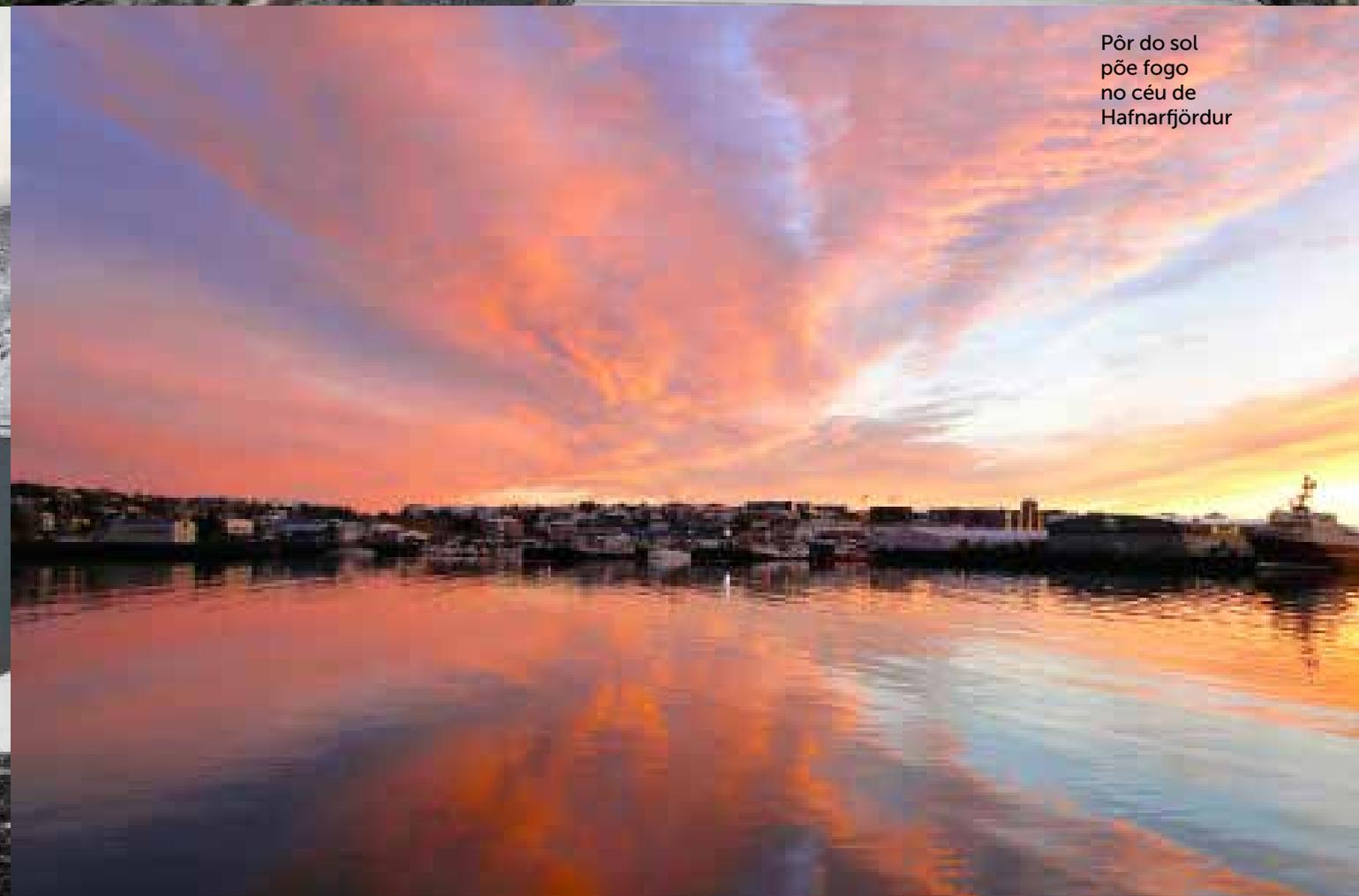
Brotando
do chão,
as placas
tectônicas



A cor da água
da cratera Víti
em meio à
brancura total



Pôr do sol
põe fogo
no céu de
Hafnarfjörður



Entre escarpas mesclando o verde a múltiplas cores terrosas, que vão do amarelo ao ocre, e o litoral de areias inteiramente negras, a viagem se dá por planícies cobertas de rocha vulcânica e colorida, embora sofrida, vegetação baixa. No horizonte, picos nevados e, mais próximos, crateras alquebradas de vulcões mortos, igrejinhas de cinema, faróis inativos. Onipresente de tão grande, Snæfellsjökull é difícil até de divisar – seja na extensão, que se perde depois da curva, seja na altura, perdida em nuvens espessas. Nas baías de Djúpálónssadur e Dritvik, a gente vê na praia e no mar rochas altas onde, segundo os islandeses, os elfos se escondem;

se a preferência for por trolls, a dica é explorar as inúmeras cavernas (Julio Verne nunca esteve na Islândia, mas J. R. R. Tolkien foi conferir in loco o que podia usar em *Senhor dos Anéis*). Apesar do vento gelado que sopra do mar, o frio é bastante tolerável e dá para fazer umas trilhas sobre os penhascos. A infra-estrutura de apoio é de primeira – só não esqueça de levar comida e água porque não se vai achar nenhum ambulante por ali.

A etapa que leva ao norte do país traz outras paisagens: ganha-se altitude e perde-se temperatura ao adentrar as montanhas nevadas. Do alto das serras, vê-se à distância grandes fazendas com

pastos verdes, muitos deles coalhados de sacos brancos de feno que, dali, mais parecem marshmallows. À beira da estrada, ovelhas (incontáveis), cabras e cavalos com lindas crinas volumosas andam livres – daí a velocidade máxima, atenção, ser de 90 km/h.

Com 17 mil habitantes, Akureyri é a segunda maior cidade da Islândia, de onde se pode programar passeios de barco para observar baleias, praticar esqui ou fazer trekking. Se a ideia for fazer algo assim, dá para usar a cidade como base; se não, o ideal é continuar rodando montanha acima até chegar a outra espetacular região – a do raso mas gigantesco lago Mývatn, for-

mado por uma massiva erupção há coisa de 2 mil anos. Aqui, tem vulcão vivo da silva. O Krafla, uma caldeira de dez quilômetros de extensão, está rodeado de lagos termais e buracos ferventes. Numa elevação, aonde se chega com neve até os joelhos e vento gelado zunindo nos ouvidos, está a cratera Víti (“inferno”), hoje com seus 150 metros de diâmetro cheios de água esmeralda – uma cor inesperada em meio a uma paisagem inteiramente branca.

Nessa altitude, o caminho para o leste se abre em um longo deserto nevado pontilhado de negro, até que, pouco a pouco, o cenário volta a ficar terrível. O mar vai se revelar novamente



A festa das câmeras
diante dos icebergs
de Jökulsárlón

quando, do alto da Passagem Öxi – um atalho da Ring Road que faz valer o 4x4 – se avista o fiorde Berufjörður estendendo a ponta azulíssima dos seus 35 quilômetros de extensão no meio de um desfiladeiro. É coisa de parar o carro, encostar e ficar admirando a paisagem o tempo que precisar. Na vida, certamente vai demorar para aparecer outra oportunidade de ver algo assim.

De volta ao sul, a estrada se espelme entre o mar e o paredão de montanhas que mal esconde a massa glacial de Vatnajökull – vira e mexe, porções de gelo “vazam” entre elas. Misturada a vulcões ativos, é a maior calota de gelo do mundo fora dos pólos, ocupando

uma área de 8 mil quilômetros quadrados, 10% de toda a Islândia. É uma brutalidade que pode ser vista de perto por meros humanos em dois pontos: o primeiro em Jökulsárlón, um lago de icebergs que se desprendem da geleira que se mostra no horizonte e vão, em pedaços azul-turquesa, para o mar ou derreter na praia. Vale também gastar um tempo ali, ouvindo o gelo trincar. O outro ponto de acesso é o Skaftafell, parque nacional idílico que é, entre outras coisas, uma Disneylândia de trilhas entre geleiras e cachoeiras, com percursos que vão das mais curtas às longas, das mais fáceis às mais difíceis.

Um pouco adiante, outra praia ne-

gra de ficção científica, Dyrhólaey. Pode parar aí também para olhar até cansar, mas passe rápido, por via das dúvidas, pelos fumacentos e agitados vulcões Katla Eyjafjallajökull e Katla. Nas planícies que se estendem para o mar, há sinais dos estragos que a combinação fogo e gelo pode produzir.

Bota fâisca nisso

Então, entre tantas coisas que não parecem ser deste planeta, acontece algo que, de certo modo, realmente não é. No último dia, a noite se ilumina por trás das montanhas e as partículas solares, atraídas pelo magnetismo do pó-

lo, promovem o último e maior dos espetáculos. A aurora boreal surge em um leque de ondas verdes bruxuleantes movendo-se como uma fantasmagoria fosforescente, que depois de uns 20 minutos, se dissolve em faixas brancas, claras, no topo do céu.

Não é exatamente uniforme como mostram as fotografias – o rastro sinuoso se deve em parte à velocidade baixa da câmera, necessária para captar a luminosidade difusa. Difícil de registrar, a aurora boreal é também difícil de descrever. Quando você bota as roupas de frio de volta nas malas, entende que as maravilhas, mesmo depois de vistas, continuam bem difíceis de explicar. †

GUIA VT



ISLÂNDIA 354 FICAR

Com exceção das áreas dos parques e as mais montanhosas, não faltam opções de hospedagem ao longo da Ring Road. Há guesthouses como a **Old Post Office**, perto do Parque Snæfellsjökull (*Grundargata*

50, *Grundarfjordur*); apartamentos e chalés equipadas como a **Saeluhus** (*saeluhus.is*; diárias desde US\$ 155), em Akureyri; hotéis em fazendas, como o **Smyrlabjörg** (*smyrlabjorg.is*, diárias desde US\$ 121), em Skaftafell; ou de luxo, como o **Rangá** (*hotelranga*.

is; diárias desde US\$ 311), em Hella. Outras opções são alugar um motorhome ou, no verão, armar a barraca em alguns dos quase 70 campings espalhados pelo país (*bit.ly/1aeovMU*).

COMER

Na área do velho porto de Reykjavík, confiram as opções do bistrô orgânico **Fish & Chips**. Em Mývatn, não deixe de almoçar em **Vogafjós** (*vogafjos.net*), fazenda com quartos e um restaurante anexo ao estábulo que serve pratos como sopa de carneiro e artic charr com batatas. De sobremesa, peça **Skyr** com frutas silvestres – essa espécie de queijo com consistência de iogurte deixa o grego no chinelo. Se for na

alta temporada, confira em Höfn se a lagosta do **Humarhöfnin** (*humarhofnin.is*) merece o título de melhor da ilha. Se estiver fechado, peça o prato logo adiante, no hotel **Smyrlabjörg**, que também serve carpaccio de ganso criado ali mesmo.

PASSEAR

O carro é a melhor opção para chegar às atrações turísticas, mas existem alternativas. A **Reykjavík Excursions** (*re.is*) faz trips de um dia, de ônibus, para lugares como **Blue Lagoon**, **Golden Circle**, **Snæfellsjökull** e **Vatnajökull**, além de promover uma “caça” à aurora boreal à noite. Se a ideia é se aventurar, a **Vatnajökull Travel** (*vatnajokull.is*), em Höfn, oferece passeios de

barco entre os glaciares de **Jökulsárlón** e tours guiados de snowmobile e ATV no glaciar **Vatnajökull**, entre outros serviços.

COMPRAR

Onde há gente há lojas que vendem a lã produzida no país, uma das melhores do mundo. Para roupas de frio com tecnologia de ponta, visite a **66North** (*66north.com*) a **Cintamani** (*cintamani.is*) e a **Icewear** (*icewear.is*).

COMO CHEGAR

Não há voos diretos do Brasil para a Islândia, mas quase todas as principais cidades da Europa e da América do Norte possuem linhas da **Icelandair** (*icelandair.com*) e da low-cost **Wow Air** (*wow-iceland.co.uk*). A **AirFrance**

faz a rota desde os aeroportos de Guarulhos e Galeão com a parada em Paris, com conexão para Copenhagen e, por fim, Reykjavík, sendo este último trecho operado pela **Icelandair**, desde US\$ 1 682 e US\$ 1 775, respectivamente. Pela América do Norte, a **Icelandair** faz o trajeto via Nova York, a partir de desde US\$ 1 113.

QUEM LEVA

O pacote de cinco noites da **Calcos** (*11/2713-5800, calcos.com.br*) tem estadia em Reykjavík, no **Hotel Reykjavik City Center** (*citycenterhotel.is*), com passeio à Dyrhólaey e às cachoeiras de Seljalandsfoss e Skogafoss, além de visita aos vulcões Hekla e Eyjafjallajökull, desde US\$

2 853, sem aéreo. O roteiro de quatro noites da **Intravel** (*11/3120-4141, intravel.com.br*) também com hospedagem em Reykjavík, no **Reykjavik Centrum Hotel** (*hotelcentrum.is*), com passeio a **Gullfoss** e ao Parque Nacional **Pingvellir**, desde US\$ 2 590, sem aéreo. A **Pisa Tur** (*11/5052-4085, pisa.tur.br*) monta pacotes de seis noites, sendo três em Reykjavík, no **Hotel Cabin** (*hotelcabin.is*), e três no Lago Mývatn, no **Hotel Mývatn Sel** (*myvatn.is*), com abrigo de observação da aurora boreal e outros passeios, desde US\$ 2 780, sem aéreo. O pacote de sete noites da **Ancoradouro** (*0800-721-4999, ancoradourooperadora.com.br*), com passeios incluídos, combina Islândia



Ovelhas na estrada a caminho de Snæfellsjökull e prato no restaurante da fazenda Vogafjós, em Mývatn